



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**FACULDADE DE LETRAS**

A LITERATURA INFANTIL EM REFLEXÕES E RELATOS.

DE LEITORA A PROFESSORA

VIVIANE GORETTI DICK

RIO DE JANEIRO

2019

VIVIANE GORETTI DICK

A LITERATURA INFANTIL EM REFLEXÕES E RELATOS.

DE LEITORA A PROFESSORA.

Monografia submetida à Faculdade de Letras  
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
como requisito parcial para obtenção do título  
de Licenciado em Letras na habilitação  
Português.

Professor orientador: Professor Doutor em Letras Paulo Roberto Tonani do Patrocínio

RIO DE JANEIRO

2019

FOLHA DE AVALIAÇÃO

VIVIANE GORETTI DICK

DRE: 111323103

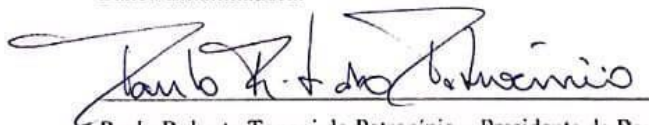
A LITERATURA INFANTIL EM REFLEXÕES E RELATOS.

DE LEITORA A PROFESSORA.

Monografia submetida à Faculdade de Letras  
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
como requisito parcial para obtenção do título  
de Licenciado em Letras na habilitação  
Português.

Data de avaliação: 18/07/2019

Banca Examinadora:

 NOTA: 10,0

Paulo Roberto Tonani do Patrocínio – Presidente da Banca Examinadora

Professor Doutor Universidade Federal do Rio de Janeiro

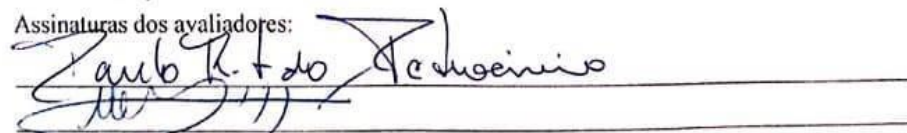
 NOTA: 10,0

Prof. Marcos Scheffel

Professor Doutor Universidade Federal do Rio de Janeiro

MÉDIA: 10,0

Assinaturas dos avaliadores:



 **MARCOS VINÍCIUS SCHEFFEL**  
Professor de Didática e  
Prática de Ensino de Português Literaturas  
Faculdade de Educação (FE)  
SIAPE nº 1664660

# A LITERATURA INFANTIL EM REFLEXÕES E RELATOS.

DE LEITORA A PROFESSORA.

VIVIANE GORETTI DICK

## RESUMO:

Este trabalho apresenta alguns relatos e reflexões sobre a Literatura Infantil, sua importância e uso no cotidiano da vida escolar desde o Berçário. Apresentarei um breve histórico da Literatura no mundo e no Brasil. Ressaltarei Monteiro Lobato, patrono da Literatura no Brasil e grande escritor que, em sua obra, traz ao universo Infantil nacional personagens que retratam nossa cultura e folclore. Ao mesmo tempo farei um relato da minha própria história de leitora a professora de Educação Infantil. Utilizarei relatos de professoras, atividades e imagens que servem para ilustrar o trabalho desenvolvido no EDI Prof.<sup>a</sup> Edir Caseiro Ribeiro, na Rocinha, escola na qual sou diretora adjunta, professora articuladora e regente de uma turma de Maternal 1. E por fim, abordarei a questão do diferente com enfoque na questão racial, utilizando o livro *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado para discutir o quanto a literatura é fundamental na construção identitária das crianças e na formação de uma autoimagem positiva.

## PALAVRAS CHAVES:

Literatura, Leitura, Infância, Autoestima, Identidade, Raça

## ABSTRACT:

This paper presents some reports and reflections on Child Literature, its importance and use in the daily life of the school since the Nursery. I will present a brief history of Literature in the world and in Brazil. I will emphasize Monteiro Lobato, patron of Literature in Brazil and a great writer who, in his work, brings to the national Children's universe characters that portray our culture and folklore. At the same time I will make an account of my own story as a reader and teacher of Early Childhood Education. I will use reports from teachers, activities and images that serve to illustrate the work developed in EDI Prof.<sup>a</sup> Edir Caseiro Ribeiro, in Rocinha, school where I am assistant director, articulating teacher and regent of a Maternal class 1. And finally, I will approach the issue of the different with a focus on the racial question, using the book *Pretty Girl of the Ribbon*, by Ana Maria Machado to discuss how much literature is fundamental in the construction of children's identities and in the formation of a positive self-image.

## keywords

Literature, Reading, Childhood, Self-Esteem, Identity, breed

### CIP - Catalogação na Publicação

D5471      Dick, Viviane Goretti  
Literatura Infantil em reflexões e relatos: De  
leitora a professora / Viviane Goretti Dick. -- Rio  
de Janeiro, 2019.  
57 f.

Orientador: Paulo Roberto Tonani do Patrocínio.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade  
de Letras, Bacharel em Letras: Português -  
Literaturas, 2019.

1. 1. A Literatura Infantil no mundo, no Brasil  
e em mim.. 2. 2. Histórias da minha história.. 3. 3.  
As histórias como ferramentas de valorização e  
empoderamento.. I. Tonani do Patrocínio, Paulo  
Roberto , orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

## AGRADECIMENTOS:

Agradeço, primeiramente a Deus pela oportunidade de ler a vida e vivê-la em cada momento. Pelo dom de aprender enquanto ensino e aprender todos os dias.

Agradeço a Tia Yvonne, a mãe que o destino me presenteou, por ter mudado a minha vida me trazendo para o Rio de Janeiro após a morte de meus pais.

Agradeço a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu chegasse até aqui. Os professores, os mestres e os colegas. Sem vocês, eu não estaria aqui.

E por fim, agradeço a cada aluno, nestes anos. Por eles, busquei em mim o meu melhor e aprender sempre foi uma meta.

## DEDICATÓRIA:

Dedico esse trabalho a Cintia. A ela, meu muito obrigada pelas broncas, pelas palavras, pelo carinho e pela paciência.

Dedico a mim, pela perseverança, pela insistência e pela teimosia que contrariando as loucas horas e rompantes de deixar tudo para lá e desistir, permaneci seguindo, devagar e sempre em direção ao término.

RIO DE JANEIRO

2019

## SUMÁRIO:

- INTRODUÇÃO.....
- 1- A LITERATURA INFANTIL NO MUNDO, NO BRASIL E EM MIM.....
- 2. HISTÓRIAS DA MINHA HISTÓRIA .....
- 2.1 FALAS DE QUEM PÕE A MÃO NA MASSA.....
- 3. AS HISTÓRIAS COMO FERRAMENTAS DE VALORIZAÇÃO E EMPODERAMENTO.....
- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....
- BIBLIOGRAFIA.....
- ANEXOS.....



## INTRODUÇÃO:

A presente monografia apresenta uma reflexão teórica sobre a minha prática pedagógica como professora de Educação Infantil. Meu objetivo é refletir sobre o papel da Literatura Infantil na formação das crianças, minha clientela direta e esperança maior, sem deixar de pensar sobre o seu papel na minha vida e na minha formação. Admito que questioneei sua classificação como arte menor dentro da formação do profissional de Literatura dentro da Academia e o lugar que ocupa dentro desta. Discuti, argumentei e encontrei ajuda e eco no curso de Pedagogia, na pessoa maravilhosa da Professora Patrícia Corsinno, através da sugestão abençoada do professor de didática do curso de Letras.

Como base para reflexões e exemplos, relatos serão retirados da minha prática pedagógica como professora de Educação Infantil em escolas particulares no Município de Niterói e na Cidade do Rio de Janeiro, além de prática como Diretora Adjunta, Professora Articuladora e Regente de turmas de Berçário, Maternais 1 e 2 e turmas de Pré Escolar 1, 2 e 3 na Prefeitura do Município do Rio de Janeiro, lecionando em Comunidades como Rocinha e Vidigal entre outras unidades da Zona Sul que atendem a essas comunidades pertencentes à Segunda CRE

Para desenvolver esse trabalho, que fala tanto de mim, da minha história de formação como leitora e de minha trajetória profissional, que fecha esse ciclo de estudos acadêmicos, usarei uma divisão de três partes nas quais, com base nas pesquisas sobre os grandes teóricos sobre o assunto, conversas com colegas de profissão e reflexões sobre a minha prática e por fim o papel da literatura na formação das crianças com o olhar sobre “as diferenças”. É preciso pensar sobre consciência e estima das crianças através de histórias que se utilizem da “figura do espelho” que reflete em si o personagem, dando a criança a oportunidade de se achar nas histórias e nos personagens.

Na primeira parte, falarei sobre a história da literatura no mundo e no Brasil, que perpassam a minha própria história que se inicia como irmã caçula, temporã, aprendiz de leitora, professora e contadora de histórias. Os grandes pensadores, teóricos e estudiosos sobre a Literatura Infantil me farão companhia e servirão de base para reflexões sobre a importância e a sua relevância como início de tudo.

A segunda parte será um relato do Projeto Pedagógico Anual desenvolvido no Espaço de Desenvolvimento Infantil Professora Edir Caseiro Ribeiro, na Rocinha. Irei apresentar o trabalho desenvolvido com a Literatura infantil iniciando pelo Projeto Pedagógico elaborado no ano de 2017, que recebeu o título: ERA UMA VEZ NO EDI. Nesse ano, o Projeto Pedagógico prenunciava uma viagem pelos clássicos que povoaram

nossa infância e que precisam ser apresentados às novas gerações. Porém, um ano não foi suficiente para vislumbrar tantas histórias maravilhosas e mágicas com nosso público. Logo mantivemos a essência da oportunidade de contato com o universo literário, ampliando o projeto em 2018 com o nome de “ERA MAIS UMA VEZ NO EDI: BRINCANDO E CONTANDO HISTÓRIAS NO SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO”. Desta vez, introduzimos nosso maior escritor de Literatura Infantil: Monteiro Lobato e junto a ele, trouxemos a literatura brasileira, além da nossa riqueza folclórica. Assim, juntos e misturados, são esses textos e histórias, os ingredientes principais que formam o projeto nesse ano. Ainda dentro desse clima brasileiríssimo, aproveitamos o trabalho maravilhoso de Ivan Cruz, no livro *Folclorices de Brincar* para abrilhantar o tema, introduzindo as brincadeiras tão belamente retratadas em telas e esculturas que nos convidam a voltar a infância e nos dão o arcabouço para presentear nossos alunos com essa herança tão rica e singular que nos acompanha nesse país tão repleto de influências resultantes das trocas entre culturas e nações. E, como o trabalho vem sendo construído a cada ano, acompanhando a construção desse TCC, fecho essa parte relatando o que estamos a realizar em 2019.

Na última parte, farei uma breve reflexão sobre a importância da literatura como ferramenta de valorização e empoderamento das crianças quanto às diversas questões da diferença, priorizando a questão racial. Algo que ao longo da minha trajetória profissional vem sendo uma preocupação constante. Usarei relatos de práticas e situações vivenciadas ao longo da minha trajetória profissional para tal. O foco deste capítulo é realizar uma abordagem sobre a importância da afirmação da identidade negra e a valorização da autoestima das crianças negras. Dessa forma, busco também discutir o quanto complicado é fazer que consigam fugir ao estereótipo, percebendo e descobrindo que o belo não obedece a uma regra ocidental de beleza branca trazida pelo colonizador enquanto único valor que conta e que prevalece como padrão de bom e belo em uma sociedade na qual, desde o nascimento são inseridos de forma tão cruel e ofensiva.

A metodologia utilizada no meu trabalho de conclusão será a pesquisa bibliográfica sobre autores da nossa Literatura Infantil, teóricos sobre o assunto, farei uso de conversas e relatos de profissionais e estudiosos que defendem a importância da literatura na infância e o seu uso no trabalho com crianças. Pretendo discutir sobre a importância da leitura e a literatura, questões da diferença racial e letramento literário na primeira infância e na educação infantil.

Devo avisar que usarei minha própria história e minhas experiências como aprendiz, estudando e professora de Educação infantil. Usarei o trabalho realizado ao longo

desses anos como regente de turma e professora articuladora com a Literatura Infantil para refletir sobre sua importância e seu papel na formação de leitores críticos. Trarei comigo a fala de colegas que dividem comigo o cotidiano do trabalho no Espaço de Desenvolvimento Infantil Edir Caseiro Ribeiro na Rocinha, RJ.

Vale ressaltar que nosso EDI está localizado na Estrada da Gávea, 452, na Rocinha. E somos a única escola pública da comunidade que atende crianças a partir dos seis meses até 4 anos situada na beira da rua principal.

A Rocinha faz parte do conjunto de comunidades que receberam o Programa de Pacificação. Programa esse que foi elaborado pela Secretaria de Estado de Segurança visando recuperar territórios ocupados por traficantes e milicianos. Foram criadas Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) em diferentes áreas consideradas violentas e cujo principal objetivo foi a criação de um programa que visa promover a aproximação entre a polícia e a população. As unidades pacificadas oferecem programas sociais nas comunidades, buscando gerar um bom relacionamento dentro das comunidades através de ações sociais desenvolvidas paralelamente às ações policiais em territórios considerados de risco.

A UPP da Rocinha foi fundada em 2012 e atua até hoje com oficinas e projetos em diversas áreas na comunidade oferecidos por policiais, como o Projeto Som da Roça que atende crianças da comunidade oferecendo aula de vários instrumentos musicais.

Para esclarecer, a seguir, transcreverei, na íntegra, o texto explicativo extraído do site [www.planejamento.gov.br](http://www.planejamento.gov.br):

“O PAC - Programa de Aceleração do Crescimento criado em 27 de janeiro de 2007, através do decreto nº 6.025, representa um novo modelo de planejamento, gestão e execução do investimento público. Articula projetos de infraestrutura públicos e privados e medidas institucionais para aumentar o ritmo de crescimento da economia. Modernizar a infraestrutura, melhorar o ambiente de negócios, estimular o crédito e o financiamento, aperfeiçoar a gestão pública e elevar a qualidade de vida da população são alguns dos objetivos do PAC. É também um instrumento de inclusão social e de redução das desigualdades regionais. Suas ações e obras geram empregos que garantem renda e consumo para milhares de trabalhadores e suas famílias.”

Juntamente com o Espaço de Educação Infantil foram construídas a Biblioteca Popular, conhecida como C4, um condomínio habitacional e uma UPPA, além da Clínica da Família. Todos fazendo parte do conjunto de iniciativas que visavam a melhoria da qualidade dos serviços de saúde, cultura e educação a ser oferecidos a comunidade.

Agora, voltando ao nosso EDI... O nosso Espaço de Desenvolvimento Infantil que atua na modalidade creche surgiu na comunidade atendendo a demanda grandiosa de procura por escolas nessa faixa etária na época do PAC 1. As obras do PAC tiveram seu início no ano de 2008 com financiamento do Governo Federal e depois de alguns contratempos e atrasos, finalmente a creche foi inaugurada em 2014.

No total, oferecemos vagas distribuídas em três grupamentos: Berçário, que atende crianças de seis meses a um ano e onze meses; Maternal I, que atende crianças de dois anos a dois anos e onze meses e Maternal II, que atende a faixa etária de três anos a três anos e onze meses.

Na comunidade, o nosso Paraíso, como chamamos carinhosamente o EDI, é conhecido e muito procurado pela qualidade do cuidado e do trabalho pedagógico realizado com as crianças. Prezamos pela seriedade do nosso trabalho, bem como o respeito e a boa relação com as famílias. Infelizmente, nossa escola não é suficiente para atender a comunidade e recebemos, diariamente, a visita de tantas outras mães em busca de escola para seus filhos.

## 1º PARTE: A LITERATURA INFANTIL NO MUNDO, NO BRASIL E EM MIM

“A história da literatura infantil tem relativamente poucos capítulos. Começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança pelo que deveria passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta.”(Cunha,1999,p22)

Nesta primeira parte do trabalho, apresentarei um breve histórico da literatura infantil, temos seu início na época em que não haviam registros escritos, toda a literatura era oral, baseada em histórias fantásticas que as mães e cuidadoras usavam para doutrinar e distrair as crianças, mantê-las próximas. Segundo Bettelheim (1996):

“...enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança. (p.20).”

Mas, vale ressaltar que essa literatura oral não era direcionada especificamente ao público infantil. Não se fazia, na idade média, uma literatura direcionada às crianças. Mas, eram as histórias que eram contadas a todos e elas estavam incluídas no público ouvinte desses relatos do cotidiano, seus perigos, aventuras e suas mazelas.

A narrativa oral faz parte da vida da criança desde o seu nascimento, isso, se não aceitarmos a ideia de que o feto já é um ouvinte dos “causos” e acontecimentos do cotidiano de suas famílias e principalmente do contato direto e umbilical com suas mães. Através da voz da mãe, dos acalantos e das canções de ninar, a criança vai sendo introduzida num mundo de rimas, jogos de palavras e melodias. A medida que vai crescendo passa então, a ter contato com as cantigas de roda, os jogos cantados e as narrativas curtas.

As crianças mesmo bem pequenas, já demonstram interesse por histórias. Fazem isso, seja batendo palmas, sorrindo, demonstrando medo ou susto, reproduzindo os sons e imitando algum personagem da história. Quanto mais contato a criança tem com esse universo mágico de histórias, mas bem desenvolvida será.

Seu primeiro contato com o texto se dá oralmente nos mais diversos tipos textuais a que é exposta no contato com seus familiares. A medida que crescem, vão começando a escolher as histórias de sua preferência e estas podem ir se tornando maiores e mais ricas em detalhes.

No entanto, será com o surgimento da classe burguesa, no século XVIII, que serão dadas oportunidades econômicas e culturais que resultaram na acumulação de riquezas e no enriquecimento de famílias. Nesse contexto cultural e econômico também vamos observar o surgimento de oportunidades de estudo e cultura aos filhos dessas famílias burguesas por meio da necessidade da escolarização, e da educação. Algo que antes era direito de um grupo muito restrito, principalmente do clero.

A educação burguesa se tornou responsável pelas adaptações das histórias conhecidas, objetivando atender a demanda de alunos nas escolas. As transformações dessas histórias e por que não dizer a sua “suavização”, fizeram com que fossem eternizadas e até superassem seus registros originais quando eram modificadas para o público, de fato, infantil. Isso fica evidente quando pensamos em literatura escrita. Muitos estudiosos têm partido do pressuposto que falar em literatura infantil só pode ser possível a partir do século XVII, época da reorganização do ensino e da fundação do sistema educacional burguês, com intuito pedagógico utilizados como instrumento de apoio ao ensino.

Além disso, a era moderna também trouxe as condições materiais necessárias para a reprodução das obras. Pois com o surgimento da prensa tipográfica, autores como La Fontaine e Charles Perrault, ambos do século XVII, construíram obras focadas nos contos de fadas e abriram as portas para uma literatura que era feita pensando nas crianças. Em um processo gradual, aos poucos, literatura infantil foi ganhando espaço e tornando-se relevante, trazendo consigo novos e importantes autores como Hans Christian Andersen, os irmãos Grimm e outros que vieram a surgir na Europa e em todo o mundo.

Segundo Regina Zilberman em seu livro *Como e Porque Ler Literatura Infantil Brasileira* (2014), com a vinda da Alemanha do jovem Carl Jansen, em meados do século XIX, que viria a se tornar, posteriormente, jornalista e professor no Brasil, tivemos a iniciativa pioneira e empreendedora por parte dele, de fazer as traduções de obras como

*Robinson Crusoe*, *Viagens de Gulliver* e *D. Quixote de La Mancha* entre outras ao perceber a carência de obras para trabalhar com seus alunos.

É importante frisar que as obras citadas anteriormente, não foram escritas, originalmente, visando o público infantil. Porém, já na própria Europa adquiriram força e status de obras infantis devido a nova roupagem, que lhes foi empregada, aliada a magia e encanto próprio do universo infantil que causaram sua aceitação pelo público de pequenos leitores e ouvintes que as eternizou. Fatores esses que fazem com que até hoje, sejam consideradas e conhecidas quase que, exclusivamente como, histórias infantis.

Zilberman (2014) nos apresenta também, Figueiredo Pimentel, outro militante da imprensa que quando resolveu se dedicar a literatura infantil, seguiu o caminho dos irmãos Grimm, publicando coletâneas como *Os contos da Carochinha* que mesclava histórias contadas pelos descendentes dos povoadores do Brasil e histórias narradas pelas escravas que educavam as crianças brasileiras do Século XIX.

É de vital importância deixar claro que somente a partir desse momento, a tradição oral encontrou-se com a escrita na Literatura Infantil Brasileira tomando seu lugar no repertório de histórias que povoam nosso universo infantil. Fica claro para mim, nesse momento, o início da nossa literatura, com a nossa cara e olhar. Podendo-se até dizer que aí, surge um movimento de nacionalização da nossa literatura.

Regina Zilberman (2014) cita também a atuação do poeta parnasiano Olavo Bilac que traz no segmento “obras para escola”, uma gama de poemas voltados ao civismo e evocam os alunos para o surgimento do “brio nacionalista”.

Para finalizar nosso breve percurso na história da literatura brasileira apresentada pelo olhar atento da professora Regina Zilberman, fica o registro dado a lei de Lavoisier, que, segundo a professora, cada um dos autores e tradutores citados, anteriormente, utilizou a seu modo, garantindo-nos um legado de grandes obras. Isso fica evidente, para mim, quando se pensa na frase: “...na natureza, nada se cria e nada se perde. Tudo se transforma...” Vemos grandes histórias que, ganhando uma roupagem direcionada ao público infantil, se transformaram em obras imortais e ficaram como legado de seus transformadores. Essa intertextualidade deixa clara que o olhar direcionado ao público infantil, dá as histórias, sua parcela de mágica que transforma tudo e preenche com cores e formas o universo infantil. Os grandes autores responsáveis por essa transformação ocorrida nas histórias realizaram um feito grandioso no sentido do modo como se pensava a infância e a intenção da literatura, a meu ver.

Não tenho conhecimento da versão original da história da Chapeuzinho Vermelho, pois há versões e explicações que remetem a iniciação sexual da mulher, os perigos do relacionamento com homens e alguns outros. Mas todos nós, fomos embalados pelas suas diferentes versões infantis nas quais, ora o lobo morria, ora era costurado depois de se resgatar a vovó e a menina. Seja na versão de Charles Perrault ou na mais conhecida, a dos Irmãos Grimm ou mesmo nas versões mais contemporâneas dos demais autores nacionais, a intertextualidade presente na conversa do original com as novas versões estabelece a relação que mantém a sua importância e lhe dá o tom de imortal, clássica e atemporal. O lobo encantou e amedrontou crianças de séculos atrás e ainda fascina a mim, aos meus alunos e embala o universo infantil.

Também nunca ouvi a versão original de João e Maria, mas todos nós, desejamos, ainda que rapidamente encontrar uma casa de doces, mesmo que a figura da bruxa, estivesse presente na narrativa.

Quem não desejou achar a galinha dos ovos de ouro? Quem não pediu pela fada madrinha para ter seu desejo infantil realizado? Quem de nós, a seu modo, no seu tempo, não viajou nas aventuras e delícias das histórias? Comigo não foi diferente...



## 2ª PARTE: HISTÓRIAS DA MINHA HISTÓRIA

Na segunda parte do trabalho, trarei um recorte da minha trajetória de leitora. Assim, poderei explicar como surgiu o meu contato e encantamento pela literatura e pelo mundo dito letrado: esse universo de pertencimento dos adultos que me cercavam e que me serviu de inspiração e desafio para encontrar, em mim, a vontade de também pertencer a essa “casta”. Esse grande encontro se deu na escola. E como afirma Zilberman (2003):

A justificativa que legitima o uso do livro na escola nasce, pois, de um lado, da relação que estabelece com seu leitor, convertendo-o num ser crítico perante sua circunstância; e, de outro, do papel transformador que pode exercer dentro do ensino, trazendo-o para a realidade do estudante e não submetendo este último a um ambiente rarefeito do qual foi suprimida toda a referência concreta. (ZILBERMAN, 2003, p. 30)

Na minha infância de menina caçula criada com 4 irmãos mais velhos que iam a escola e chegavam de lá cheios de histórias e aventuras sempre foi um grande desejo poder ir também a esse lugar que oferecia tanto. Até que percebi que além das histórias haviam os escritos, os livros com seus desenhos e as palavras que eu fingia ler... Ansiei pelo dia que poderia ir também e assim, poderia tomar posse dos livros coloridos da estante alta que continham dentro de suas capas duras, cheias de desenhos, os contos, as fábulas e as histórias dos irmãos Grimm e de Hans Christian Andersen. Cada um deles continha nas suas páginas aquelas histórias mágicas que me eram apresentadas pelos meus irmãos, um pouco sem paciência, na leitura obrigatória feita a noite antes que eu dormisse. A obrigação deles era o meu momento mais feliz do dia...

Eu me imaginava, entre sonhos de olhos abertos e sonhos ao dormir, vivenciando aquelas histórias de castelos, fadas e bruxas. As recontava para as minhas alunas-amigas-bonecas e assim vivenciava cada história de novo e de novo...

Aguardava ansiosa pelo dia que faria, finalmente, 6 anos e poderia sair de casa para ir à escola, local para o qual meus quatro irmãos mais velhos iam todos os dias e eu, ficava em casa, prisioneira das tarefas infantis e brincadeiras de ler, escrever e sonhar.

Que alegria foi juntar as primeiras letras, depois sílabas e fazer as primeiras leituras não obrigatórias em casa, saboreando aquelas experiências mágicas. Antes mesmo do dia de ir à escola.

Nunca fui muito fã da *Vivi viu a uva na casa da vovó*, por mais que a oportunidade de ser a Vivi, aflorasse ainda mais em mim a veia artística e poética de brincar com rimas e palavras... Mas, faltava magia, faltava aventura. A Vivi e a Vavá, minha amiguinha de sala, Valéria, nada faziam de interessante. Era tudo muito repetitivo e monótono. Mas, como meio de chegar ao objetivo de ler aqueles livros proibidos, que ficavam no alto da estante esperando pelo dia que eu pudesse finalmente lê-los sozinha, servia.

Encontro eco na afirmação de Lajolo e Zilberman (1988, p. 19) de que “o tipo de representação a que os livros procedem [...] deixam transparecer o modo como o adulto quer que a criança veja o mundo”, foi no reconto e nas interpretações dramáticas em sala que me encontrei na bruxa que sempre torna as histórias divertidas. Pela postura livre e disposta a apresentar a literatura e arte como algo bom, pude escolher livremente o que ler e gostar. Essa liberdade me fez escolher as bruxas como minhas personagens preferidas nos atos de leituras e encenações, exercício que me fez descobrir no ato do reconto, o teatro. Através desse personagem tão marcante para mim, que se tornou sempre um dos meus preferidos nas histórias. Papel almejado também, nas peças e dramatizações amadoras ao longo da vida.

Confesso, odiava quando me escalavam para princesa, dona Baratinha, rainha ou Maribel... Que coisa mais sem graça! Gostava mesmo é do cômico ou dramático da bruxa que maltrata, persegue ou dificulta a vida do herói. Tudo bem que, no final, nem sempre ela se redime ou fica bem... Mas, sem elas, as histórias não têm graça. Não têm drama, não têm cor....

Depois, ampliando as leituras vieram as maravilhosas aventuras de Emília, Narizinho, Pedrinho e toda turma do Sítio... Viajei de carona na cauda do cometa, estive na Grécia, fui até o Reino das Águas Claras, desejei encontrar o pó de “pirlimpimpim” e mais importante: com a astuta Emília aprendi a defender minhas ideias e vontades. Entendi que mesmo pequena devia lutar pelas minhas vontades e essa mensagem importante entre outras ficou na minha vida como herança e memória infantil.

Conseguia reconhecer em Narizinho e em Pedrinho a criança que eu era, simples e cheia de sonhos. Dona Benta trazia a imagem da avó que dá atenção e voz à criança e compartilha saberes e para mim, órfã que sou, sonhava com uma avó desse jeitinho.

Mais tarde, conheci a *Vivi Pimenta*, quem desejei ser fervorosamente, pois Vivi, minha xará, era uma menina sem igual que investigava o mundo a sua volta, não temia

ninguém e encarava qualquer desafio. No caminho das minhas leituras, passei pelas aventuras do *Para Gostar de Ler*; os clássicos obrigatórios como *A Moreninha*, *O Cortiço* e cheguei a vida adulta lendo *Ágatha Christie*.

Porém, jamais pude me afastar da sessão infantil das livrarias, minha predileta até hoje. Onde, se não me controlar gasto bastante do meu salário para manter meu acervo em dia.

Histórias coletadas do universo adulto e transformadas para entreter e ensinar ao público infantil corroboram a lei de Lavoisier ( nada se cria....) Essa magia e poder que as histórias exercem sobre mim e meus colegas ouvintes e leitores desse mágico universo transformaram nossas vidas: A transformação da história que serve para transformar o homem. Esse uso da intertextualidade, esse diálogo entre textos, fica claro, pois a transposição do texto adulto para o mundo infantil traz um novo corpo e uma nova visibilidade às histórias, mas sem deixar de ter clara sua função na vida infantil: Distrair, educar e doutrinar. O uso das histórias sempre teve essa importância e, ainda hoje, se faz presente.

Desde sempre, na escola, apresenta-se histórias aos alunos ora por sua beleza plástica, pelo seu conteúdo, ora por seu uso como estímulo, ponto de partida ou como pano de fundo para argumentar sobre temas e situações em sala de aula. O manuseio de livros e histórias de forma livre também se faz presente, trazendo aí a liberdade de interação com os personagens e enredos.

Dando continuidade a história da Literatura Brasileira Infantil, surge Monteiro Lobato, considerado patrono da literatura brasileira e imortalizado pela grandiosidade e riqueza de suas obras. E voltando a questão da intertextualidade, para exemplificar sua importância e uso: Lobato dialoga em sua obra com clássicos e passeia por histórias universais. Mas, ao mesmo tempo traz para nossas crianças, os personagens nacionais como o Saci, a Cuca e tantos outros que nascem na oralidade e ganham corpo e poder nas histórias fantásticas vividas pelos meninos, iguais a tantas crianças, aqueles próximos da realidade infantil. Os netos de Dona Benta.

A industrialização trouxe a ampliação da produção de livros transformando a literatura num mercado rentável e em pleno crescimento. Hoje é um mercado em ampla expansão com uma produção fértil.

Muitos autores colaboram para que essa mesma faceta tão distinta e marcante da literatura de ser a abertura. Ela, a Literatura Infantil, ( e ninguém me fará aceitá-la como menor) funciona como oportunidade, ferramenta e meio pelo qual, através do lúdico a

criança terá a oportunidade de entender, assimilar e criar estratégias de intervenção com a sua própria realidade.

É determinante registrar que, atualmente, seja na área da educação, da psicologia ou em qualquer outra área de contato, de cuidado e terapia com crianças, a Literatura se faz presente como fator indispensável na intermediação com o público infantil.

A professora especialista em Literatura Infantil e escritora Flávia Côrtes é citada em vários periódicos eletrônicos sobre educação infantil e literatura defendendo a ideia de que a leitura faz o indivíduo crescer, propiciando-lhe a oportunidade experimentar novos mundos e sensações. Isso fica claro quando, em sala, vemos as dramatizações e falas infantis depois de uma história. A relação que as crianças desenvolvem com os personagens de sua preferência é fantástica.

A criança que tem contato desde cedo com esse universo de leituras, histórias e magia pode alcançar uma outra forma de desenvolvimento educacional e ampliar o seu repertório crítico, pois através das histórias dos personagens, suas reações, ações e dizeres a criança toma para si, posturas, e pode assimilar situações de enfrentamento de medos, receios bem como pode distinguir o certo do errado.

A base do pensamento humano é a linguagem e com as histórias, com o contato com o mundo literário, fornecemos aos pequenos, os elementos para acelerar e auxiliar seu desenvolvimento esta fase do pensamento lúdico e o pensamento mágico. As imagens, as palavras lidas e todo o universo que esse mundo mágico de heróis e personagens fantásticos fornece os elementos primordiais para a o seu desenvolvimento emocional e cognitivo. Brincar, fantasiar, questionar e elaborar hipóteses para começar a formar seus conceitos e interpretações do mundo que as cerca.

Não estou retirando ou diminuindo, em momento algum, a função e o papel da intervenção direta do contato com a família, a sociedade e a escola na formação do caráter do indivíduo, mas apenas reiterando o papel das histórias e da literatura na formação do ser humano.

Somos, de fato, a soma de todas as experiências que vivenciamos ao longo de nossa existência, mas o papel da literatura na formação das crianças deve ser assegurado como direito e dever de todos que a cercam seja a família, a escola e a sociedade.

Desde que iniciei a graduação, muitas vezes, discuti, argumentei e me exaltei diante de “colegas” que afirmavam que a Educação Infantil e o trabalho com essa clientela era opção de quem não queria estudar e se aprofundar mais, não tinha interesse em “ser mais”! Cheguei a ter embates acalorados, na defesa de muitas colegas doutoras que são a resistência

na profissão e se mantém firmes nesse segmento por amor, opção e convicção de que é nessa faixa etária que se localiza, de fato e de verdade, a importante base da educação e da formação do aluno e, deixo clara aqui a minha opinião e defesa que está aqui o berço da literatura e início da formação do público leitor. É na oralidade, na vivência com as histórias e os personagens que se dá a magia da vontade de ler e saber mais.

Ao longo da prática pedagógica como professora de Educação infantil, fui ampliando meu contato com autores, obras e esse universo de histórias e magia. E usando as palavras de Nelly Novaes Coelho: “...A Literatura Infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível realização.”

Sendo assim, a literatura é uma poderosa ferramenta na formação do ser humano, pois ela contribui para sua percepção do mundo que a cerca, suas opiniões sobre a própria vida e serve como fonte de conhecimento e apropriação de cultura. Através dela se inicia, desde cedo, o aprendizado do respeito às diferenças. A literatura serve de fonte de conhecimento e contato com as diferentes culturas, épocas, etc.

Segundo Bettelheim, a obra infantil é aquela que, enquanto diverte a criança, oferece esclarecimentos sobre ela mesma, favorecendo o desenvolvimento da sua personalidade. Então, fica ainda mais claro que a literatura influenciará muito na construção da autoimagem da criança e, concomitantemente com outros recursos, oferecerá as ferramentas para que a criança se conheça e se ame. A autoimagem também pode ser construída em atividades com espelhos, reflexos, gravuras e fotografias e, vale ressaltar aqui, a importância do educador que será fundamental para, junto à família, desempenhar esse papel de oportunizar à criança a construção de uma autoimagem positiva e do amor a si.

Tendo como referência os argumentos citados anteriormente e, principalmente, partindo da justificativa de que a base da formação dos sujeitos se dá no seu primeiro contato com a escola, irei narrar a minha trajetória no Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI), nomenclatura que substitui a antiga ideia de Creche. Dessa forma, é necessário explicar que, antes, na antiga creche, que tinha um papel meramente assistencialista, um local onde a criança era cuidada por pessoas da própria comunidade, muitas sem formação e sem nenhum cunho pedagógico, reafirmando a concepção de que era um local para deixar as crianças enquanto pais estavam trabalhando.

Com o surgimento dos EDIS e das novas políticas educacionais para a primeira infância é possível observar uma mudança nas políticas públicas para esse grupo etário.

Dessa forma, o atendimento à primeira infância, período que compreende os primeiros anos de vida até os seis anos, é retirado da política de assistência social e passa a fazer parte das políticas publicadas da área de educação. Para explicar de modo sucinto e breve a mudança ocorrida na concepção da primeira infância, cito a Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996)<sup>1</sup>, e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) (BNCC pág. 7).

E segundo a BNCC, na primeira etapa da Educação Básica, e de acordo com os eixos estruturantes da Educação Infantil (interações e brincadeiras), devem ser assegurados seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento, para que as crianças tenham condições de aprender e se desenvolver. Sendo assim, através das interações e brincadeiras que traduzem e apresentam o mundo aos nossos pequenos por meio dos campos das experiências. Apresentarei a seguir os direitos descritos no BNCC para que fique claro o papel da literatura:

- **Conviver** com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas.
- **Brincar** cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.
- **Participar** ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes,

desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando.

- **Explorar** movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia.
- **Expressar-se** como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens.
- **Conhecer-se** e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário.

Entre o conviver, o brincar, o participar, explorar, expressar e conhecer-se, cabe à literatura o papel de elemento que servirá de brinquedo, de diversão para a criança. O livro servirá de base para atividades que facilitarão o convívio, a troca e a oportunidade de expressar-se e conhecer a si e ao mundo que a cerca. Através das histórias, dramatizações, recontos e brincadeiras, a criança terá garantida pela escola o espaço de conhecimento, ampliação de repertório e descobertas. Sendo assim, podemos afirmar que a literatura é o meio e a ferramenta que nos serve de arcabouço para produzir um trabalho rico em qualidade e oportunidades para nossos alunos garantindo-lhes os direitos acima apresentados.

Agora, falando do EDI...

Iniciamos em 2017 um projeto nomeado de **ERA UMA VEZ NO EDI** voltado para a construção de um repertório rico em clássicos da literatura mundial infantil e novas histórias. Ao longo do ano, apresentamos a nossos alunos desde o Berçário até o Maternal 2 que compreendem crianças de 6 meses a 4 anos, histórias através de vários recursos desde o livro como um elemento para apreciar, manusear e conhecer como vídeos, teatros de fantoches e marionetes, gravuras e brinquedos. Todos esses recursos serviram para despertar o interesse a curiosidade dos bebês e das crianças sobre as histórias e seus personagens.

A seguir, irei utilizar parte da justificativa de nosso projeto apresentada em nosso Planejamento Pedagógico anual dos anos de 2017, 2018 e 2019 para apresentar um pouco do trabalho realizado na nossa escola.

“A Equipe do EDI trabalha, conforme orientação da SME, com um Planejamento Pedagógico Anual que envolve um tema Central e que é desenvolvido ao longo do ano através de Projetos compostos por atividades lúdicas e dirigidas que propiciarão ao nosso aluno vivências e aprendizados . Utilizamos diferentes recursos e possibilidades para garantir um aprendizado efetivo, rico e qualitativo a cada projeto desenvolvido no decorrer do ano.

No ano de 2017, selecionamos o tema: **ERA UMA VEZ NO EDI**. Embarcamos numa viagem de conhecimento pela nossa rica literatura infantil. Estamos alternando nossa viagem literária.... Entramos em contato e propiciamos aos nossos alunos a descoberta dos grandes contos clássicos, histórias que povoam nossa herança folclórica e nossa memória afetiva, apresentamos as fábulas famosas sem deixar de visitar a moderna literatura, oportunizando um leque de descobertas, a ampliação do repertório imagético e imaginário de nossas crianças.

Porém, não estamos sozinhos nessa tarefa de iniciar o letramento, o contato com o mundo escrito e o universo das histórias. Trouxemos os pais como grandes parceiros e cúmplices! Com o projeto **LEITURA EM CASA, TODO DIA**, os alunos juntamente com seus pais, escolhiam, diariamente, um título para fazerem a leitura em casa, desenvolvendo o hábito desse momento lúdico em casa, com a família, além da aprendizagem do cuidado com o livro, a responsabilidade de levar, ler e devolver no dia seguinte.

Os relatos feitos pelos responsáveis foram muito gratificantes. Por esta razão, resolvemos manter o projeto no ano de 2018. Remodelamos nosso projeto com o nome: **ERA MAIS UMA VEZ NO EDI, “CONTANDO HISTÓRIAS E BRINCANDO NO SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO”** Sentimos que por ter sido muito forte e prazerosa a oportunidade de um entrosamento familiar com os pais lendo com as crianças, depois conversando e principalmente se divertindo e criando laços... Queremos muito manter esse momento de lazer familiar, de conhecimento e troca ampliando o projeto por mais esse ano. Passamos a fazer os empréstimos somente as sextas feiras pois entendemos que haveria mais tempo para a realização da atividade em casa.

Entendemos que:

O mundo da criança é envolto pela criatividade e imaginação. As histórias infantis, os contos e as fábulas são recursos próprios para se trabalhar a sensibilização das crianças com o propósito de conseguir mudanças de atitudes comportamentais, auxiliar na sua formação de caráter e na construção de indivíduos criativos e que enfrentem situações do cotidiano com coragem e afetividade.



Partimos da ideia que a criança lê sem saber ler, pois ela lê o mundo a sua volta e o contato com a literatura contribui para essa formação de leitor. O letramento literário se dá durante esse contato.

Em nosso projeto do ano de 2017, trabalhamos no nosso cotidiano, os contos de fadas, as histórias fantásticas e as fábulas explorando amplamente a literatura infantil com leituras dos clássicos e dos modernos, usamos a contação de histórias e as dramatizações como alternativas, sem deixar de fora as novas mídias que muito enriquecem nosso trabalho e muito interessam ao nosso " público de internautas e apaixonados por tecnologia." Neste ano, traremos como acréscimo o repertório rico de Monteiro Lobato para ampliar ainda mais o leque de conhecimento, oportunidades e aprendizados para nossos alunos. Juntamente com as histórias e os personagens de Lobato, faremos um passeio pelas brincadeiras infantis que nossos alunos quase não conhecem em função da diferenciação das infâncias. Pretendemos resgatar brincadeiras como a ciranda, o pião, o bambolê, a corda, a amarelinha e tantas outras que muito contribuem na formação e na diversão da criança durante a infância, estimulando a cooperação, a participação e o aprendizado de regras, de convivência e diversão fora do ambiente tecnológico e televisivo que tanto afetam e delimitam a criatividade das crianças; (Ver anexos 13,14 e 15)

No aspecto pedagógico, também trabalhamos com a literatura infantil, de forma prazerosa e a criança exercita a aprendizagem da leitura e da escrita como um processo em fase de iniciação no contato com o mundo letrado.

Temos como objetivo principal, despertar nas crianças o interesse e gosto pela leitura, possibilitando assim o aprendizado da literatura visual através das imagens, desenvolvendo o saber ler sem saber ler. Ampliar o repertório oral e o conhecimento do nosso rico acervo de histórias, fábulas e etc.

E Monteiro Lobato como grande iniciador de uma literatura infantil voltada para o Brasil não poderia estar de fora desse repertório

O teatro, a música, entre outras linguagens, serão os recursos que utilizaremos para dar vida e voz ao mundo imaginário que servirá de base para que nossos pequenos leitores percebam, entendam e interajam com o mundo que os cerca , desenvolvendo suas habilidades e capacidades.

Temos como meta a leitura de mundo... Almejamos a escrita de uma nova e diferente trajetória para cada um de nossos alunos, construída com tijolos de todas as cores, num mundo mais justo e igualmente belo para cada um de nós."

Até o momento, os relatos feitos pelos responsáveis têm sido muito gratificantes. Sentimos que tem sido muito forte e prazerosa a oportunidade de um entrosamento familiar, pois os pais leem com as crianças, depois conversam, desenham e principalmente se divertem. É um momento de lazer familiar, de conhecimento e troca. (ver anexos 2 e 3)

Entre os clássicos trabalhados tivemos a Galinha Ruiva, com a produção de um teatro de varas por parte da turma do maternal 1 e Cachinhos dourados que foi finalizada com a apresentação da dramatização feita para os pais e os colegas do EDI por parte do maternal 2. Atividade que surgiu do interesse das crianças de vivenciarem a história. O berçário viajou nas aventuras dos três porquinhos.

E apesar do acervo pequeno, o empréstimo de livros para que os pais pudessem desfrutar de momentos de leituras com seus filhos foi crescendo e criando raízes no coração de todos. As crianças corriam, todos os dias, para a mesa de livros e escolhiam seus títulos e os relatos dos pais era sempre satisfatório e cheio de sorrisos e alegria ao falarem sobre o momento da leitura em casa. ( Ver anexo 1)

Nas escolas do Município do Rio temos o Dia de Brincar, onde convidamos os pais a passarem horas na companhia das crianças na escola, bimestralmente, e assim conhecerem de perto o trabalho realizado pela escola. Esses momentos eram sempre recheados de histórias e atividades artísticas que encantam e divertem o público ativamente participante e servem de inspiração para os momentos de leitura em casa. O desdobramento das atividades envolve arte, música e dramatizações. Mas, a base sempre é uma história da literatura infantil, podendo ser um clássico, um conto ou uma fábula.

No cotidiano das salas os livros são expostos para que as crianças possam manusear e dentro da nossa rotina. Temos a hora da contação de histórias que ocorre em momentos diferentes e de variadas formas. No Berçário, priorizamos o manuseio dos livros de pano, plástico, mas mantemos os de papel também, e desde muito cedo, 6 meses, nossos alunos já experienciam o momento da leitura e o contato direto com esse rico acervo do qual dispomos.

Porém, um ano não foi suficiente para apresentarmos tantas histórias e ao nos sentarmos pra planejar o que faríamos a seguir, decidimos, de comum acordo, dar continuidade ao projeto no ano de 2018. Modificamos o nome **para ‘ERA MAIS UMA VEZ NO EDI, CONTANDO HISTÓRIAS E BRINCANDO NO SÍTIO DO PICAPAU AMARELO’** e reconhecendo a importância de Monteiro Lobato e seus personagens para a nossa formação de leitoras e professoras, tomamos nosso patrono como alicerce para o ano a seguir.

Por essa e muitas outras razões, o acervo de histórias e personagens do Sítio foi uma escolha tão fácil e definitiva. Para nos auxiliar nessa tarefa de dar vida e voz aos personagens do Sítio, utilizamos as animações com as aventuras dessa turma em desenho. As crianças vivenciam junto com os personagens suas histórias. Apresentamos os vídeos com as canções. Tivemos acesso a livros, conhecemos e nos encantamos com as canções de cada personagem e nosso EDI esteve durante todo o ano mergulhado no universo Lobatiano. (ver anexo 4)

Cada turma tomou para si um personagem como mascote e protegido. Criamos um caderno viajante para que junto com o boneco da turma, a família possa vivenciar suas próprias aventuras e, utilizando-se do registro escrito e qualquer outro de livre escolha possam deixar evidenciadas as experiências ocorridas no final de semana. Cada turma tinha seu mascote que junto com o caderno viajante passava o final de semana na casa de cada aluno. (ver os anexos 5, 6, 7 e 8)

A seguir, nos anexos, apresentarei algumas fotos que registram esses momentos que se tornaram, ao longo do ano, tão especiais e significativas essas vivências que estão dentro dos Campos das experiências que são, de acordo com a BNCC a base do trabalho com as crianças nessa faixa etária e que são contemplados pelas Orientações Curriculares Cariocas que se encontra em processo de finalização pela Secretaria de Educação da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, após consulta e participação efetiva do professorado durante a Jornada Pedagógica do ano de 2018, na qual cada escola, preencheu quadros com sugestões de atividades que, de acordo com cada um dos Campos acima citados, dá suporte com atividades no segmento Creche e Educação Infantil dentro da Pré-escola..

E mais uma vez fomos surpreendidas pelo interesse e participação das famílias. Temos o mascote Rabicó no Berçário 12, Narizinho no Berçário 11, Emília no Maternal 22, a Cuca nos maternais 21 e 32 e por fim, o Pedrinho no maternal 31. A cada final de semana, uma nova família deixa registrado no caderno tudo que foi vivenciado pelo personagem em companhia da família. A seguir veremos alguns registros. Tivemos o cuidado de montar um acervo ampliado neste ano para trazer os pais do berçário para nossa rotina de leituras em casa.

Infelizmente, com a minha ida para sala de aula pela falta de professores na escola, o projeto precisou ser diminuído e passamos a fazer os empréstimos apenas nas sextas feiras, o que trouxe muito descontentamento aos nossos pequenos leitores.

A gestão da 2<sup>a</sup> CRE ao tomar conhecimento do nosso trabalho por meio das visitas feitas pela equipe da supervisão nos presenteou com um acervo de livros voltados aos pequenos. Entre livros de pano, livros de banho e outros, nosso berçário ficou recheado de títulos.

Em 2019, trouxemos para as crianças a turma do Maurício de Souza, com seu encanto e seus personagens. Com o Tema: **A TURMA DA MÔNICA EM : “BRINCANDO E CONTANDO HISTÓRIAS NO EDI DA TIA EDIR.”** Nesse projeto, incluímos temas como meio ambiente, inclusão, amizade, respeito a diversidade e trabalho em equipe e o cuidado com os animais. Apresentamos o formato dos Gibis, um novo tipo textual, e entre livros com versões dos clássicos, teatro de fantoches, músicas, cineminha da turma com vídeos curtos. Mantivemos também a participação das famílias no Caderno Viajante que acompanha o personagem escolhido pelas turmas e que ajuda a construir as histórias vivenciadas pelas crianças nos finais de semana. ( ver anexos 20, e 25)

## 2<sup>a</sup> PARTE-1 FALAS DE QUEM PÕE A MÃO NA MASSA

A seguir trarei relatos e depoimentos das profissionais que participam diretamente do cotidiano de trabalho realizado no nosso “Paraíso”: apelido, carinhosamente, dado ao Espaço no qual buscamos fazer com que a criança sinta-se feliz e descubra o mundo a sua volta através da imaginação, da literatura e dos desafios diários de aprender e descobrir...

Começarei pela fala preciosa da Professora Luciana Sales Araujo com formação de Professores com habilitação em educação infantil, ensino fundamental e educação especial, cursando Pedagogia - UERJ (sexto período) que chegou em agosto deste 2018 a nossa escola, atuando na turma do Berçário II e agora, atua no Maternal I.

“O uso da literatura enriquece o trabalho pedagógico em qualquer faixa etária e tem função fundamental. Com crianças pequenas e bebês, precisamos nos atentar ao enredo, as ilustrações, duração das histórias entre outros aspectos. Inicialmente apresentam um tempo muito curto de concentração e com isso, as contações de histórias simples e mais ilustrativas ganham espaço.

A seleção da Literatura Infantil e a forma como será apresentada é fundamental. Precisamos considerar o tema de interesse das crianças, usar e abusar das entonações, canções, onomatopeias e até mesmo dos gestos e movimentos. Dessa forma, conseguiremos envolver esse público e cativá-lo. Uma mesma história pode e deve ser contada mais de uma vez, em dias e momentos alternados. Criamos uma rotina para esses momentos na qual, ao iniciar a canção da história, eles já se posicionem automaticamente para esse momento de

alegria que tanto gostam. Todos vão se sentando e entre sorrisos e palmas, participam da música que introduz esse momento mágico. Cada vez que contamos uma história, podemos observar, além do brilho nos olhos, as expressões, as reações e interações por parte dos bebês/crianças. Vale ressaltar que nesta turminha são bebês de 1 a 2 anos. Inicialmente, nos observam, aos poucos passam a repetir nossas falas e sons e também interpretam as imagens, é claro dependendo do grau de maturidade e desenvolvimento de cada um. Ao longo do ano e das inúmeras situações de contato com a literatura conseguimos perceber claramente a ampliação do vocabulário, a evolução da dicção, da pronuncia das palavras, do raciocínio entre outras habilidades que vão sendo desenvolvidas no contato diário com esse universo rico de leituras do mundo através das histórias e imagens.”

Ver os pequenos em rodas de leitura, manuseando os livros, os personagens e brinquedos realmente ilustra a fala da professora Luciana do BII. As crianças, desde muito pequenas, ao ouvir a canção da música, já se encaminham para a roda e sentam ansiosas esperando pela história do dia. ( Ver anexo 10).

Os livros e histórias são escolhidos pelos professores pelo prazer que proporcionam as crianças, pela sua beleza estética, pelo conteúdo ou porquê abordam alguma razão pedagógica. (Ver anexo 11). Algumas histórias servem como motivação para abordar temas que precisam ser trabalhados com as crianças, como por exemplo a questão das mordidas comuns nessa faixa etária.

As reuniões pedagógicas parciais ou integrais e o tempo de planejamento destinado as professoras são os momentos no qual acontece o contato das professoras com o acervo de livros e matérias disponíveis no EDI. Todo planejamento é feito pensando no desenvolvimento das crianças. As atividades são elaboradas visando garantir os direitos das crianças e proporcionar experiências que resultem em aprendizagens.

Temos, um período de Jornada Pedagógica que ocorre, geralmente, no meio do ano, antes ou depois das férias. Nesses momentos, algumas escolas próximas se reúnem e trocam experiências enquanto aproveitam essas oportunidades de aprendizagens, e estudos. Eu, como Professora Articuladora, sou responsável pela organização e realização desses encontros. ( ver anexo 12)

Dando prosseguimento a esse TCC repleto de pensamentos e falas de tantas pessoas que são responsáveis pelo trabalho de formação no que acredito ser a base da formação do

educando, trarei a fala da professora Myryam Ruth Coelho Kurrels, pedagoga com especialização em literatura infantil juvenil, autora de livros para essa faixa etária:

“Trabalho com o maternal II de crianças de 3 e 4 anos e priorizo a literatura Infantil como parte importante do trabalho desenvolvido em sala.

Todos os dias é reservado um momento em que eles escutam histórias, seja contos de fadas, fábulas, poemas entre outras histórias povoando o imaginário infantil com seus diversos personagens, além de livros de cunho mais informativo, explorando e ampliando o vocabulário.

Algumas vezes, as histórias são dramatizadas, permitindo que as crianças vivam aqueles personagens explorando de forma lúdica sentimentos, gestos, falas e possam desenvolver sua criatividade por meio das artes plásticas com desenhos, pinturas e colagens.

Esse trabalho diário de contação de história faz com que eles desenvolvam o hábito de ouvir e despertar o interesse deles pelo contato e manuseio dos livros, promovendo a formação de futuros leitores.”

O trabalho desenvolvido na turma do maternal 2 é muito rico repleto de oportunidades de criatividade e empoderamento para as crianças. A professora Myryam é formada em Letras e como amante da literatura infantil e escritora que é, baseia seu trabalho na formação integral das crianças. Ela garante que o contato com os livros e as histórias seja algo vivo e repleto de magia. ( Ver anexo 9)

O trabalho desenvolvido no maternal II com os nossos pequenos, para mim, reflete o pensamento de Góes (1984/1991) quando fala sobre as funções da literatura infantil: “O ideal da literatura é deleitar, entreter, instruir e educar as crianças, sendo que a mais importante é a terceira. O prazer deve envolver tudo o mais. Se não houver arte que produza o prazer, a obra não será literária e, sim, didática” (p. 22). Vejo essa função nos atos e nos olhos das crianças, quando interpretam nas dramatizações seus personagens prediletos, quando ilustram e recriam as histórias. Na parte dos anexos, algumas fotos ilustrarão esses momentos. (Ver anexo 19)

A professora Myryam , atualmente, está com um grupamento de Maternal 1 e participa do Projeto Balaio de Livros , iniciativa do CECIP que trabalha com literatura infantil no nosso EDI diretamente com as crianças, além de oferecer oficinas e vivências para toda a equipe durante nossos Centros de Estudos que ocorrem mensalmente. ( ver anexo 22)

E por fim, convidei a professora Dr<sup>a</sup> em Educação Liliane, Regente na Educação Infantil por opção e por paixão pela Educação. Colega da época em que trabalhei como regente no Ciep Dr<sup>o</sup> Bento Rubião também localizado na Rocinha, local onde lecionei por 20 anos:

“Quando se tem que discutir sobre o papel e a importância do professor de Educação Infantil haja vista que durante muito tempo o mesmo era visto como um mero “cuidador de criança” ou aquele que não quer trabalho.

Entretanto, no meu ponto de vista, quem acredita nas suas suposições supracitadas na verdade entende que esta fase é a mais importante de toda a formação acadêmica do indivíduo. É nela que se desperta o prazer e o interesse por aprender e de toda a vida social.

Por este motivo, o professor de Educação Infantil precisa estar em constante formação, ser dinâmico e estar atento ao processo ensino aprendizagem e desta forma, estimular as habilidades e competências dos educandos com o intuito de prepara-lo pra novos desafios. É nesta fase que se aprende a aprender.

Por acreditar e compreender este processo do desenvolvimento infantil é que optei por trabalhar com essa faixa etária, especificamente. Sabendo do meu papel e buscando a cada dia aprimorar meu fazer pedagógico e desta maneira proporcionar aos meus alunos tudo aquilo que eles necessitam para se desenvolverem plenamente, respeitando o “tempo” de cada um e as diferentes maneiras de aprender e assim, contribuir para que cada um seja protagonista de sua própria história.”

A Professora Dr<sup>a</sup> Lily é apaixonada pelo que faz e defende a educação pública de qualidade oferecida aos nossos pequenos. E como eu, acredita no que faz e briga muito por isso.

### 3ª PARTE: HISTÓRIAS COMO FERRAMENTA DE VALORIZAÇÃO E EMPODERAMENTO;

A construção da identidade, o reconhecimento pessoal de cada um é fruto do coletivo, pois nos reconhecemos e nos identificamos a partir do contato com o outro e no social nos enquadrados dentro dos diferentes, encontrando, assim, “os nossos pares”. Mogli se percebe diferente dos lobos e não pertencente aquele grupo quando os outros animais começam a evidenciar os aspectos nos quais ele se difere da matilha. E, a partir desse conjunto de características, ele reconstrói sua identidade. A diferença se torna a base para a sua construção identitária. Podemos assim, nesse momento, entender claramente o papel desempenhado pela literatura na formação da ideia de identidade.

“A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou do mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais. (SILVA, 2014, p.76)”

As questões étnico-raciais são constantes no cotidiano escolar, reflexo direto da própria estrutural social e cultural da sociedade brasileira. Acredito que a literatura pode ajudar na discussão da valorização das identidades minoritárias e de grupos marginalizados. Pois vivemos uma realidade historicamente desfavorável para uma parcela grandiosa da população que é vítima do discurso racista, preconceituoso e opressor que acompanha a própria história da colonização brasileira. Isso fica evidente entre os alunos na produção de falas e atitudes discriminatórias permeadas pelo conceito de belo, que as crianças produzem e reproduzem tanto de modo consciente como inconscientemente.

O experimento “Doll test”, realizado pelo Dr Kenneth Clark, nos Estados Unidos pode ser citado como exemplo da presença do discurso racista na sociedade. No experimento é apresentada uma conversa na qual crianças negras e brancas eram questionadas sobre o que seria belo ou feio, assim como o bom ou mau a partir de duas bonecas: uma branca e outra negra. E, assustadoramente, ficou clara essa construção da noção de belo e bom, ou mesmo a falta de noção de identidade negra, quando todas as crianças registraram como bela e boa a boneca branca e em oposição definiram como feia e má a boneca preta. Que fique claro: Todas elas tiveram a mesma fala! Ao longos dos anos seguintes, em várias partes do mundo, este mesmo teste foi reproduzido e como se pode ver



em vídeos postados nas redes sociais, as respostas permanecem as mesmas. Anos se passaram, o mundo evoluiu, mas, embora não haja mais unanimidade nas respostas apresentadas nos outros vídeos mais recentes, ainda é evidente a questão da não identificação, da autoestima e do não reconhecimento da beleza negra.

No Brasil o mesmo experimento foi realizado pela Dr<sup>a</sup> em Educação Leni, do Rio Grande do Sul, que realiza essa pesquisa desde 2007 com crianças da Periferia. Mesmo nos experimentos mais recentes, utilizando como foco crianças negras de periferia, as respostas não variaram muito.

Após ter acesso ao documentário americano acima citado, ainda no curso normal, início da minha formação efetiva como professora, no tradicional Instituto de Educação Professora Ismael Coutinho situado em Niterói, cidade onde fui criada e estudei, retornando um pouco a minha história, fiquei muito chocada e desde então, sempre foi uma preocupação constante a questão da autoestima dos alunos independentemente de sua auto identificação étnico-racial, do grupo social ao qual pertence e suas habilidades. Achar a beleza interior e valorizar sempre o melhor de cada criança era e é uma meta no cotidiano de meu trabalho.

Vale o relato de uma situação que ocorria diariamente num dos muitos anos lecionando no Ciep Dr Bento Rubião na Rocinha, RJ. Uma certa aluna da educação infantil, negra, com um cabelo crespo curto, escolhia para dormir, a esteira ao lado de uma amiga querida cujo cabelo longo, cor de mel era algo que ela admirava muito e durante o soninho de todo dia, essa menina se cobria com os cabelos da colega e assim, se acariciava com o véu de beleza emprestado da amiga. Essa rotina só era alterada quando, ocasionalmente, a sua mãe comprava-lhe algumas tranças destas que se aplicam no cabelo, porém, a mãe só podia dar-lhe algumas, e o penteado ficava falhado, mas isso não impedia que a criança ficasse completamente envaidecida com seu cabelo e passasse bastante tempo a admirar seu penteado. Depois de muitas histórias, conversas e brincadeiras, essa aluna começou a se ver como alguém belo, e que seu cabelo, apesar de curto e diferente era bonito e que como as meninas das histórias de África e o como em outras tantas histórias ela era bela sendo como era.

Esse relato vale a digressão, pois a certeza de que a literatura infantil, de fato pode auxiliar para a reelaboração da identidade do sujeito e sua auto percepção, quando possibilita que se vejam e se reconheçam em sua plenitude e beleza.

De acordo com Barros (2016, p. 9), se algo é belo, seu oposto deverá ser feio. Então, infelizmente, pode-se concluir que essa noção vem acompanhada do status social construído

do que vem a ser belo ou feio, bom ou mau, tal qual foi exemplificado nos vídeos citados anteriormente.

Cabe a sociedade contemporânea combater e erradicar as representações estereotipadas e pejorativas da diferença. Tais representações promovem a humilhação e menosprezam. Valorizar a diferença significa promover uma leitura da sociedade em uma perspectiva mais plural e longe de um binarismo reducionista e hierárquico. Uma utopia que deve ser sonhada e precisa pautar o trabalho da escola para a construção de uma sociedade mais justa.

Fica ainda evidente, urgente e necessário entender que a literatura influenciará muito na construção da autoimagem da criança e, concomitantemente com outros recursos, oferecerá as ferramentas para que a criança se conheça e se ame. A autoimagem também pode ser construída em atividades com espelhos, reflexos, gravuras e fotografias e, vale ressaltar aqui, a importância do educador que será fundamental para, junto à família, desempenhar esse papel de oportunizar à criança a construção de uma autoimagem positiva e do amor a si. Nas palavras de Candido:

[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os considera prejudiciais, sendo presentes nas diversas manifestações [...] significa que ela tem papel formador da personalidade [...] (CANDIDO, 1995, p. 243).

Nessa perspectiva, a Literatura Infantil deve ser vista como um instrumento complementar para uma educação igualitária, e com o crescimento das discussões em torno do tema, a partir da década de 70 surgiram autores e editoras interessados em trazer o tema para a sociedade brasileira. Aos poucos, os personagens negros nas histórias infantis foram aparecendo com maior frequência, numa tentativa de introduzir assuntos até então não debatidos pela sociedade, muito menos por crianças, como o preconceito racial.

A obra *Menina Bonita do Laço de Fita* (2001) é um bom exemplo dessa literatura e um recurso significativo para se trabalhar essas questões com as crianças. No seu livro, Ana Maria Machado, nos apresenta uma história de uma menina negra e de um coelho branco. Outros personagens surgem ao longo da trama para compor a obra que inicia um novo olhar sobre beleza, miscigenação e autoconhecimento.

“...Era uma vez uma menina linda, linda.

Os olhos dela pareciam duas azeitonas pretas, daquelas bem brilhantes.

Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feito fiapos da noite.

A pele era escura e lustrosa, que nem pelo da pantera-negra quando pula na chuva.”

( Menina bonita do Laço de Fita, )

Nesta descrição poética pode-se visualizar a linda menina. Ela é apresentada ao leitor construída por pinceladas líricas e cheias de encantamento. A autora faz uma inversão muito interessante: a menina é supervalorizada pela sua beleza que encanta o coelho. Ele se vê fascinado por essa menina tão diferente de si e tão bela que ele tem o desejo de ser igual a ela. O coelho, então, imbuído da tarefa e do desejo de ser como a bela menina resolve mudar a si mesmo e para tal, segue as orientações dadas pela menina.

Há, neste ponto, questões muito instigantes: a própria menina não sabia explicar sua origem e inventava explicações mirabolantes para ser linda como era, apresentam-se aqui questões a serem discutidas em sala: - Como ela era assim, tão diferente dele? O que fazer para ser igual a ela? Pois passa pelo querer ser o outro e não se aceitar sendo quem é, além de suscitar discussões muito pertinentes no que se refere a questão étnica e histórica. Quem somos e de onde viemos, nossa origem enquanto raça. De acordo com Cashmore(2000):

“ Raça é um significante mutável que significa diferentes coisas para diferentes pessoas em diferentes lugares da história e desafia as explicações definitivas fora de contextos específicos.” Segundo o mesmo autor, um dos seus significados é o de um grupo social de indivíduos que possui em comum os mesmos marcadores físicos (pigmentação da pele, traços faciais, textura do cabelo, estatura etc.), o que leva à consideração da existência de uma raça social.

Temos a seguir a fala extraída de Johnson de 1997, p.188:

“Raça tem sido frequentemente definida como um agrupamento, ou classificação, baseado em variações genéticas na aparência física, sobretudo na cor da pele. A maioria dos sociólogos (e biólogos) contesta a ideia de que raça biológica seja um conceito que signifique alguma coisa, em especial em

virtude do imenso volume de cruzamentos, que ao longo da história, caracterizou a população humana...”

Outros personagens como a mãe e a avó vêm preencher o espaço da trama com conhecimento, cultura e história, dando-lhe um caráter pedagógico e com isso, aferindo-lhe um papel muito importante na discussão étnico-racial dentro do espaço da literatura infantil. Vale ressaltar que essas discussões instigantes, aliadas a poética que impregna a história e a obra da autora, renderam-lhe muitos prêmios ao longo de sua carreira.

O desfecho da trama, recheada de lindos e diferentes coelhos convida a trazer a miscigenação para a discussão. A criança pode, então se entender e se reconhecer com traços herdados de seus pais, avós e familiares. Essa singela e tão bem escrita história serve, claro, para o entretenimento e lazer, funções, inegavelmente, primordiais da Literatura, mas nesse momento cabe como que feita sob medida, no suporte ideal para explorar, explicar e ensinar sobre miscigenação.

Vale explicar que essa monografia é constituída de relatos e de experiências antigas e atuais, e por essa razão, recebe acréscimos à medida que os dias passam. Hoje, Sete de Novembro de 2018, presenciei a AEI ( Auxiliar de Educação Infantil) Celi Sá, Pedagoga, concursada com anos de prática e experiência com crianças desde a época que a Creche era subordinada à Secretaria de Assistência contar a história da Menina Bonita para turma do maternal 1. Ao terminar a história, as crianças, brincaram de recontar aos colegas. Momento que muito gostam dentre das atividades que compõem a rotina na sala. Na sequência, a educadora utilizou a história desse coelho curioso para explicar para esse grupo de crianças coloridas e belas nas suas diferenças de pele, cor e traços, com palavras simples, mas de fácil compreensão: “- A gente nasce com a cor da família da gente e a tem mistura do pai com a mãe : a gente nasce misturado.” ( Ver anexos 16, 17 e 18)

As crianças sorriem e escolhem como vão colorir seus coelhos, eles são ilustrados com as cores da alegria infantil. A beleza fica por conta do jeito que cada um, e a construção do belo precisa fugir do padrão estilizado do modelo europeu. Aqui, fica claro que fazer com que encontrem em si e nos seus iguais o belo fica por conta desse trabalho de empoderamento de beleza diferente da vendida pela TV e pela sociedade. (ver anexos 26 e 31)

Para concluir, fica a reflexão sobre o que nos iguala e diferencia: - O que nos iguala é o fato de sermos humanos e isto deve ser entendido pelas crianças enquanto que, o que nos

diferencia é sermos únicos do jeito que somos sem que isso nos diminua ou inferiorize. Vale o respeito ao outro e a aceitação da diversidade.

A temática do belo entra aí, mostrando a clientela infantil um novo jeito de olhar e se encantar. Outras obras, como *O cabelo de Lelê*, convidam a esse encantamento, utilizando-se de um passeio pela geografia e história da África, suas belezas e especificidades.

A literatura Infantil contemporânea tem nos trazido uma gama crescente, fértil e engajada pautada nessa temática que desde a lei 10.639/03, que versa sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana e que ressalta a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira.

É importante entender que não há contribuição negra em nossa cultura. O termo contribuição diminui e menospreza o papel do povo africano em nossa história. Há, de fato e de verdade, muitos elementos desta etnia constituintes de nossa formação cultural e social visto que somos o resultado do encontro de povos. Ainda que oprimidas ou quase exterminadas, todas as etnias que fazem parte de nossa história e formação nos constituem enquanto nação miscigenada e por essa razão tão bela com todas as suas diversidades.

Nas palavras extraídas do portal Geledés e que foram retiradas do blog da menina bonita Ana Carolina: “Empoderar-se é reconhecer-se enquanto sujeito social, político, autor da sua própria história e capaz de lutar por direitos que não são só seus, mas também de um grupo. Empoderamento é singular e é plural. Singular no sentido de que é um processo individual e pode ocorrer pelas mais diferentes motivações. Plural porque por meio do empoderamento aprendemos que a luta é coletiva.”

Acredito que proporcionar aos nossos alunos experiências e vivências nas quais possam se reconhecer, se identificar e se perceberem como pessoas dignas de respeito e admiração pelo que são e não pelo como são define o papel da literatura negra e da educação nos nossos dias. Vale refletir sobre nosso papel e o quanto nossa omissão diante das diferenças traz dor e tristeza às crianças.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura Infantil, muitas vezes caracterizada como afirmam Zilberman e Lajolo (2002) como algo “marginalizado pela sociedade, devido a menoridade de seu grupo”, enfrenta desafios nas construções de metodologias que envolvam as crianças em situações lúdicas e construtivas. Essa marginalização ocorre, pois, a literatura infantil ainda é encarada por muitos como inferior.

Essa ideia é errada! Completamente errada! E, segundo Cecília Meireles muita gente pensa que escrever para a infância é das coisas mais fáceis. Que estes leitores são pouco exigentes, que não é preciso ter “estilo” .

Há que se ter talento, buscar e estudar muito para agradar essa clientela tão seleta e especial. Lembro sempre e, com certeza, foi uma das grandes aprendizagens dos muitos ensinamentos passados pela generosa Professora Patrícia Corsino, quando fui sua aluna, na turma de Literatura Infantil, na Faculdade de Educação como “intrusa insistente” durante a apresentação de um trabalho final no qual eu deveria apresentar a minha turma o Livro de minha escolha e escolhi *Maria vai com as outras...* A apresentação foi ótima, tirei 9, nota muito boa, aliás! Mas, recebi como preciosa lição que, mesmo conhecendo a história de cor e salteado, eu , como leitora, professora e educadora, não deveria simplificar, nem mesmo alterar o texto, pois no jogo de rimas, nas palavras repetidas estavam o trabalho literário de construção de leituras e jogos simbólicos e um trabalho intencional de construção de sentido que se perdia na minha simplificação bem intencionada...

Sou grata... Muito grata a cada fala, cada conversa, discussão e provocação feita pelos meus mestres, que colegas de profissão e de amor pelo magistério muito me acrescentaram.

E para fechar, utilizo as falas de Andrade e Corsino quando afirmam:

”Experiências de leitura podem provocar inúmeras alterações no sujeito: das suas referências de mundo, passando pelo autoconhecimento, chegando às relações com a linguagem escrita que exigem procedimentos, ações e conhecimentos distintos dos da experiência com a oralidade.”

E ainda dizem mais:” A leitura literária – como espaço de formação humana, social e subjetiva- abre-se a criatividade, imaginação, criticidade, experiência estética, fruição,

assombro, encontros. E a escola - desde a creche - pode fazer muita diferença na vida das crianças das classes populares.

“Ainda acabo fazendo livros onde nossas crianças possam morar”

Monteiro Lobato

## **BIBLIOGRAFIA :**

ANDRADE, Ludmila e CORSINO, Patrícia. In: PAIVA, MARTINS, PAULINO, CORRÊA, VERSIANI (orgs). *Literatura – saberes em movimento*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007.

BETTELHEIM, B.A *psicanálise dos contos de fadas*. 11ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. P-11-43

CANDIDO, Antônio. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995

CASHMORE, E. *Dicionário de Relações Étnicas e Raciais*. São Paulo: Selo Negro; 2000.

COELHO, Nelly Novaes. *A literatura infantil! Abertura para a formação de uma nova mentalidade*. In: \_\_\_\_\_ *Literatura Infantil: teoria-análise-didática*. São Paulo: Moderna, 2000

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura, arte, conhecimento e vida*. São Paulo: Editora Fundação Petrópolis, 2000

D618d *Diversidade na educação : reflexões e experiências* / Coordenação : Marise Nogueira Ramos, Jorge Manoel Adão, Graciete Maria Nascimento Barros.  
- Brasília : Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2003.170 p.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura Infantil: Teoria e prática*.18 ed. São Paulo: Ática,1999

GÓES, Lúcia Pimentel (1984). *Introdução à literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Livraria Pioneira. 2 ed., 1991.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: TC, 2008.

JOHNSON, Allan G. *Dicionário de sociologia: guia prático de linguagem sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar,1997.



MACHADO, Ana Maria. *Menina bonita do laço de fita*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2011.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani. *Diferença: um conceito necessário*. *Revista Transversos*. “Dossiê: Vulnerabilidades: pluralidade e cidadania cultural”. Rio de Janeiro, nº. 09, pp. 12-30, ano 04. abr. 2017. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2017.28391.

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014

#### CITAÇÕES:

<sup>1</sup> Fala retirada do blog <http://www.abrelivros.org.br/home/index.php/noticias/6304-as-criancas-e-o-universo-multidimensional-do-livro>

#### ACESSOS DA INTERNET EM PDF E BLOGS:

<https://pt.slideshare.net/lianaborba/texto-aula-10-cursino-criancas-pequenas-e-os-livros> - Acesso em 05/07/2017

<https://tonaniblog.files.wordpress.com/2017/11/a-diferenc3a7a-na-literatura-infantil.pdf> - Acesso em 10/10/2018

<https://osegreto.com.br/author/claudia-rocha/> - Acesso em 10/10/2018

<http://jornadasliterarias.upf.br/15jornada/images/stories/trabalhos-12-seminario/10-carlete-maria-thome.pdf> - Acesso em 15/10/2018

<https://drauziovarella.com.br/tag/raca/> Acesso em 10/10/2017

<https://www.cartacapital.com.br/revista/906/a-genetica-das-racas> -Acesso em 10/10/2017

<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/viewFile/5056/3729> Acesso em 15/10/2018

<http://envolverde.cartacapital.com.br/a-importancia-da-literatura-infantil-no-desenvolvimento-da-crianca/> - Acesso em 26/05/2018

<http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/68/12042018175348.pdf> - Acesso em 04/07/2018

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil> - Acesso em 15/10/2018

<https://pretaepower.wordpress.com/2015/09/22/empoderamento-nao-e-sobre-o-tamanho-do-seu-black-power/> - Acesso em 15/10/2018

<http://books.scielo.org/id/8q7yj/pdf/oliveira-9788579836688.pdf> -Acesso em 15/10/2018

<https://www.normaculta.com.br/intertextualidade-o-que-e-quais-os-tipos-de-intertextualidade/> - Acesso em 10/01/2019

<http://faflor.com.br/revistas/refaf/index.php/refaf/article/view/57/html> - Acesso em 04/06/2019

<http://www.planejamento.gov.br/servicos/faq/pac-programa-de-aceleracao-do-crescimento/visao-geral/o-que-e-o-pac> - Acesso em 25/06/2019

<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/13600/1/Isis%20Cristina%20Ramanzini.pdf>

– Acesso 02/ 07/ 2019

<http://www.scielo.br/pdf/dpjo/v15n3/15.pdf> - Acesso 08/07/2019

### **LINKS DE VÍDEOS COM AS ENTREVISTAS FEITAS COM AS CRIANÇAS:**

<https://youtu.be/CdoqqmNB9JE> - Itália Acesso em 15/10/2016

<https://youtu.be/CkcpROCIoIA> - USA Acesso em 10/02/1998

[https://youtu.be/K3\\_b18h70kU](https://youtu.be/K3_b18h70kU) -Brasil Acesso em 11/01/2019

## ANEXOS:

As fotos a seguir, ilustram um pouco do trabalho desenvolvido no EDI.

Anexo 1 início do projeto de Leitura com o pequeno acervo que tínhamos na creche em 2017:



Anexo 2: Biblioteca disponível para empréstimos para as crianças toda sexta feira :



ANEXO 3 : Acervo de livros adquiridos para a hora da contação de histórias em 2018 na Feira do Livro Infante Juvenil;



Anexo 4: Entre diferentes recursos, os personagens e histórias do sítio nos acompanharam diariamente:





Anexo 5: Capa do caderno da turma do maternal 2, cujo mascote é o Pedrinho



Anexo 6 : Os mascotes participam da rotina das turmas durante a semana. Aí, vemos o Pedrinho na hora da chamada do Maternal 31.



Anexo 7: A turma do Berçário II sendo apresentada ao caderno de seu mascote o Rabicó:



Anexo 8: Caderno da turma do maternal 1 22 cuja mascote é a Emília:





Anexo 9: Turma do maternal 31, num momento de manuseio e leitura de livros:



Anexo 10: Turma do BII num momento de contação de histórias com a presença dos pais num Dia de Brincar.



Anexo 11: As crianças do Berçário I em um momento de contação de histórias. Trabalhando a questão das mordidas com a história Mordida Não, Napoleão.



Anexo 12: Momento de troca e aprendizagens com a Jornada da Educação Infantil 2018 realizada no EDI com a participação da Creche Comunitária conveniada com a Prefeitura e a equipe da Ed. Infantil do Ciep Dr Bento Rubião.

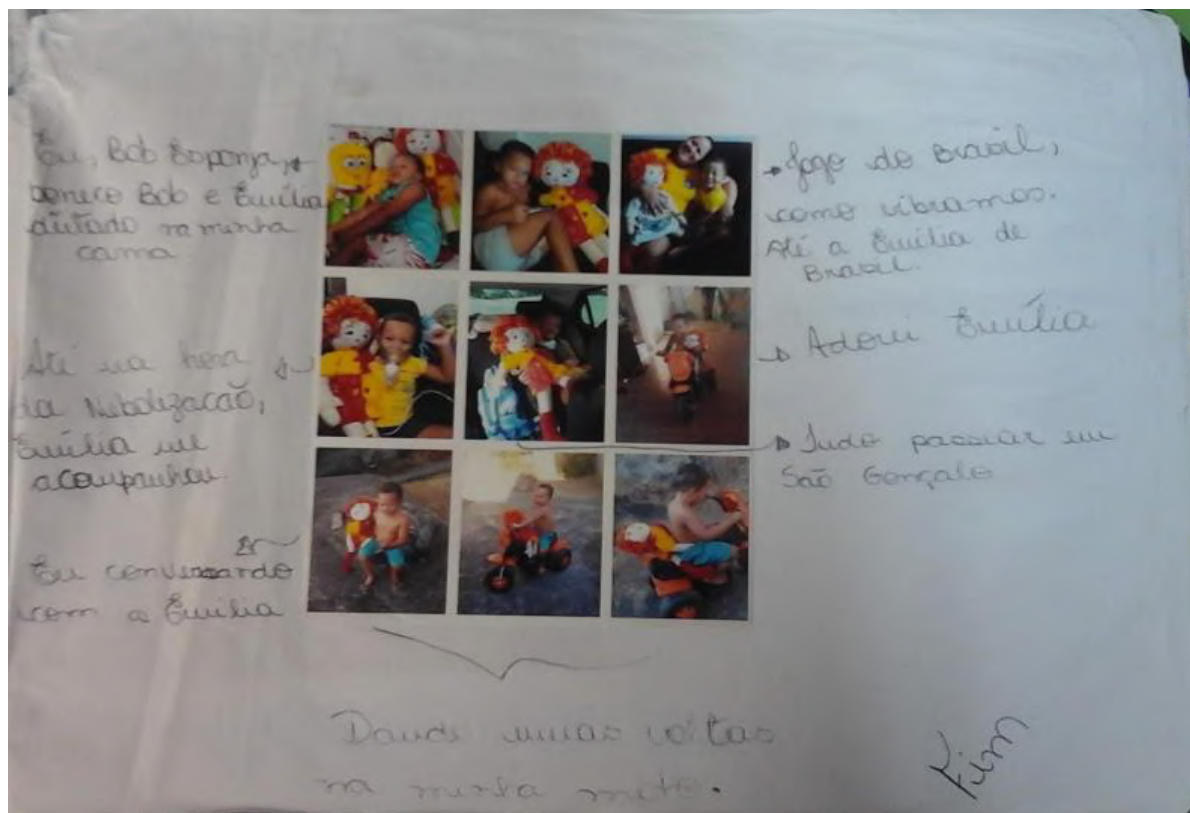




Anexo 13: Relatos de momentos da boneca Emília no final de semana na casa de crianças do maternal 22: final de semana na casa de Bernardo



Anexo 14: final de semana na casa de Luiz Daniel:



Anexo 15: final de semana na casa de Rafael:



Anexo 16: Tia Celi contando a história Menina Bonita do Laço de Fita:





Anexo 17: Desdobramento da atividade: confecção do mural com os personagens com as crianças:



Anexo 18: Aprendendo sobre miscigenação: “Somos a mistura de nossos pais”



Anexo 19: Brincando com bonecas negras:



Anexo 20: Mônica e o caderno viajante. Muitas aventuras.





Anexo 21: Finalizando a releitura da história dos 3 ursos.



Anexo 22: E mais uma oficina com o Cecip

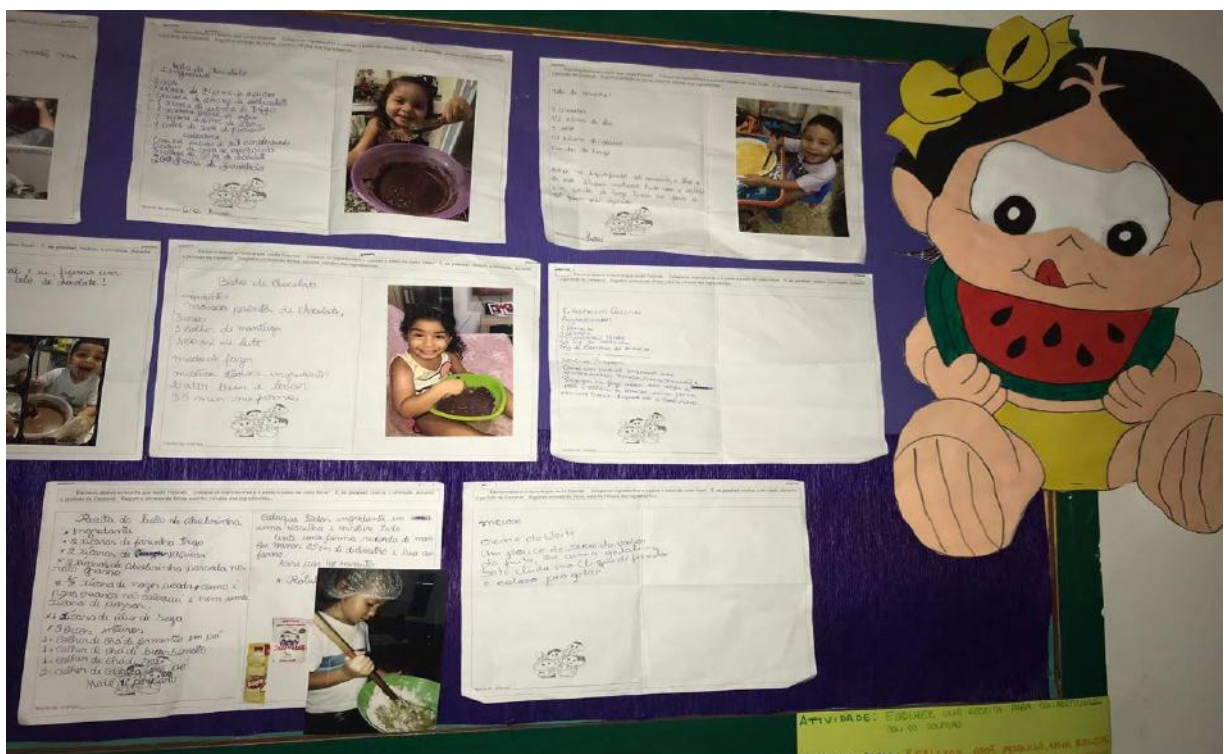




## Anexo 23: Ler sem saber ler



## Anexo 24: Com a Magali, descobrimos o prazer da culinária.



Anexo 25: Amizade e alegria andam sempre juntas. Todo mundo gosta de abraço.



Anexo 26: Toda pessoa é bonita do jeito que é!



Anexo 27: As histórias, noções e cuidados com o meio ambiente e a nossa saúde:





Anexo 28 : Os vídeos fazem parte do universo das histórias



Anexo 29: Os personagens fazem parte da rotina





Anexo 30: E a história se transforma em muitas outras histórias



Anexo 31: Porque a estima surge quando nos conhecemos e nos achamos belos



Anexo 32: A história ganha vida e se torna brincadeira

